



EDITORIAL

Vol. 21, n. 37. 2024

É com grande satisfação que apresentamos mais este número da **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos (REH)**. Este trabalho é fruto do esforço contínuo da comissão editorial em divulgar a pesquisa brasileira sobre a filosofia de Hegel e em promover o diálogo com a comunidade acadêmica internacional. Agradecemos aos autores que contribuíram para o conjunto de textos aqui reunidos, assim como aos pareceristas, leitoras e leitores de provas que colaboraram para a realização desta publicação. O número é resultado das submissões recebidas em processo de fluxo contínuo ao longo de 2023 e não apresenta um tema central norteador de sua leitura.

Os quatro artigos que o compõem refletem sobre o viés materialista da filosofia especulativa de Hegel, sobre os conceitos de razão e progresso à luz das contribuições brasileiras ao pensamento descolonial, sobre a centralidade da “geografia” hegeliana para a compreensão da relação entre natureza e sociedade em sua filosofia e sobre a apropriação crítica de Hegel do pensamento de Spinoza para o desenvolvimento das categorias de finito e infinito. O número ainda apresenta uma entrevista com Klaus Vieweg sobre a descoberta dos manuscritos de Carové, uma tradução inédita do trecho das *Lições sobre a Filosofia da Religião* dedicado ao tratamento do argumento ontológico e uma resenha crítica do novo livro de Gilles Marmasse, vertido ao português e publicado recentemente no Brasil.

No artigo *Processo da Terra e História do Mundo: um esboço*, **Fábio Mascarenhas Nolasco** argumenta que a incorporação realizada por Hegel dos resultados obtidos pelas ciências empíricas de sua época ao processo de revisão da *Doutrina do ser* resultou na aproximação da dialética especulativa a certo viés materialista em formação. Decorrente dessa aproximação, a atenuação da resistência dos objetos da filosofia real ao método da ideia absoluta permitiu a Hegel, segundo Nolasco, estabelecer o nexa entre o *processo da terra*, ancorado nos estudos geológicos do



período, e a *história do mundo*, vinculada à pesquisa geográfica da época. Nolasco reflete ainda, contra a posição de Bernasconi (2024), sobre o aproveitamento das potencialidades críticas ao colonialismo europeu encontradas no próprio Hegel e no pensamento legatário de sua filosofia para o debate anticolonial e antirracista atual.

O artigo de **Filipe Campello**, *História sem fim: O que Hegel poderia ter aprendido com um xamã yanomami*, incorpora uma reflexão crítica sobre a filosofia da história de Hegel aos termos do debate descolonial e anticolonial. Campello parte do tratamento do conceito de perspectivismo ameríndio, proveniente da experiência xamânica de Davi Kopenawa (2015), para em seguida reivindicá-lo como meio de correção das concepções unilateralistas de razão e progresso. No segundo movimento do artigo e ainda mediado pelas contribuições do xamã yanomami, Campello propõe a substituição de uma estrutura epistêmica autocentrada, da qual derivam as práticas de violência do centro sobre a periferia, pela abertura de um terreno de disputa de cosmovisões em que de modo contínuo se revisam as categorias com as quais predominantemente se pensa o mundo.

Em *The Mediated Geography of Hegel*, **Antonio Ioris** se propõe a analisar o que pode ser entendido como a “geografia” hegeliana, principalmente os processos envolvidos na produção e contestação do conceito de espaço geográfico, com vistas a lançar luz sobre a dimensão fundamentalmente política da relação entre natureza e sociedade. Para tanto, ele analisa processos socioespaciais conceituados por Hegel na produção do espaço, tais como o metabolismo da razão, a articulação entre particular e universal e a alteridade. O autor opera no âmbito da distinção entre a “geografia menor” hegeliana, abrangendo considerações mais imediatas acerca do espaço como dimensões espaciais e geometria, e a geografia hegeliana “maior” ou mediada, correspondente a elaborações mais complexas, sociais e intersubjetivas, que incidem na produção do espaço social.

Em sua contribuição intitulada *Acosmismo e passagem ao finito: Hegel leitor de Spinoza*, **Diego Lanciote** revisita a leitura hegeliana da filosofia de Spinoza e a forma como Hegel define o seu próprio projeto em contraste com essa filosofia. Uma vez feita esta reconstrução, o autor concentra-se no problema da passagem do infinito ao finito, em diálogo com o debate epistolar Fichte-Schelling acerca da filosofia espinosana, apontando como Hegel procura conciliar a infinitude da substância espinosana com a

necessidade de desenvolver a ideia absoluta, o que implica a transição do infinito para o finito, e como essa discussão também se relaciona com a recepção das teses kantianas e com o projeto de conciliação de subjetividade e objetividade no contexto do idealismo alemão.

Compõe o número uma entrevista inédita com Klaus Vieweg sobre os recém-descobertos manuscritos dos Cadernos de Carové, realizada por **Antonio Rigo** e **Reginaldo Rodrigues Raposo**. Afora a contextualização da descoberta, ocorrida em 2022, das 5 mil laudas de documentação dos cursos de Hegel durante o período de Heidelberg e a descrição da organização da edição crítica dos *Cadernos*, Vieweg adianta o sentido da inclusão dos manuscritos de Carové ao *corpus* da obra hegeliana. Ele esclarece na entrevista que a documentação dos cursos ministrados entre 1816 e 1818 é registro único do desenvolvimento da concepção hegeliana de sistema, fundada, por sua vez, em uma elaboração dialógica do saber. Vieweg avalia que a transcrição e reelaboração das aulas por Carové devem ser tomadas como material primário para a pesquisa, já que não são apenas testemunho da expressão didática e oral do pensamento de Hegel, mas do processo comunicativo que se inscreve na estrutura interna de sua filosofia.

Iago Orlandi Gazola e **Gabriel Rodrigues da Silva** apresentam e traduzem um trecho das *Lições sobre a Filosofia da Religião* de Hegel. O recorte escolhido se ocupa do clássico tema da prova ontológica da existência de Deus. O texto é representativo tanto por Hegel discutir explicitamente Anselmo, Descartes, Kant, entre outros pensadores, quanto por revelar aspectos decisivos da sua própria concepção de religião em relação com a filosofia. Além disso, a tradução contribui com o debate em torno da filosofia da religião hegeliana.

Por fim, **Gabriel Rodrigues da Silva** elabora uma resenha crítica do livro *Força e fragilidade das normas*, de Gilles Marmasse, traduzido recentemente por José Pinheiro Pertille, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O autor discute a peculiaridade da interpretação de Marmasse, isto é, o privilégio concedido a determinadas partes da *Filosofia do Direito*, o que revela posições interpretativas, sem deixar de lado notas críticas ao trabalho. Segundo Silva, Marmasse não levou suficientemente em conta a posição de Hegel sobre diferentes povos. Assim, Marmasse se limitaria a uma mera adjetivação de diagnósticos de Hegel que

expressavam certa desvalorização de povos africanos e asiáticos, sem tirar disso maiores consequências teóricas. A resenha enfatiza ainda que a leitura de Marmasse se estrutura em um sentido que afasta Hegel da metafísica. De modo geral, Silva destaca que a publicação do livro constitui um passo importante na integração da comunidade hegeliana brasileira com produções de outros países.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

EMMANUEL NAKAMURA
FABIANA DEL MASTRO
HERNANDEZ VIVAN EICHENBERGER
PATRÍCIA RIFFEL DE ALMEIDA
RENATA GUERRA